



O que fazer daqui para trás

Proposta e Direção de João Fiadeiro



Performers e co-criação

Adaline Anobile, Carolina Campos, Márcia Lança, Iván Haidar e Daniel Pizamiglio

Assistentes de direção: Carolina Campos e Daniel Pizamiglio

Desenho de luz: Colin Legras

Tradução Simultânea: Marta Moreira

Trabalho de Coordenação Motora (Béziers): Carolina De Nadai

Apoio à documentação: Stephan Jürgens

Assistência de produção: Sinara Suzin

Gestão financeira: Silvia Guerra

Fotografias de divulgação: Patrícia Almeida

Produção executiva: RE.AL (Lisboa)

Coprodução: Teatro Maria Matos (Lisboa) / Teatro Rivoli (Porto)

Apoio à internacionalização: Fundação Gulbenkian e Fundação GDA

Apoio institucional: Câmara Municipal de Lisboa

Residências artísticas: Arquipélago / Centro de Artes Contemporâneas (Açores), Santarcangelo Dei Teatri (Itália) e Atelier Real (Lisboa)

Ante-estreia: Santarcangelo Dei Teatri, Itália (30 de Outubro de 2015)

Estreia: Teatro Maria Matos, Lisboa, 11 de Novembro de 2015

Duração: 60m

Teaser do espetáculo: <https://vimeo.com/148209373>

Excerto do espetáculo: <https://vimeo.com/149769154>

Espectáculo integral: <https://vimeo.com/191345760>



NOTA PRÉVIA

Após 8 anos de pausa na criação de grupo, seria justo dizer que esta é a primeira peça de um novo ciclo. Tudo indica que sim. Mas por enquanto o que sinto é que ela, mais do que abrir, encerra um ciclo que foi interrompido – abruptamente, por mim próprio – com o Para onde vai a luz quando se apaga?, último trabalho de grupo que fiz em 2007. E foi por sentir que o ciclo estava incompleto que me aventurei e voltei a perguntar (agora sem interrogar) “o que fazer daqui para trás”. Este trabalho ocupa por isso o lugar de intervalo criado pela dúvida sobre o que acontece quando a luz se apaga e a impossibilidade de resposta que ela carrega.

O “para trás” do título não nos leva só a 2007. Leva-nos também a 1990, ano em que fiz a minha primeira peça de grupo, o “Retrato da memória enquanto peso morto” (mal tinha começado e já a memória me pesava) e que deu origem a esta aventura a que chamámos REAL. No “Retrato...”, o primeiro contacto que o público tinha com o espetáculo era através da projeção de um vídeo que ocupava uma parede enorme da sala que servia como antecâmara para o espaço do Convento do Beato onde os performers “faziam uma espera” aos espectadores. Nele podia-se ver o Nuno Bizarro a correr nas arcadas do Santuário do Cabo Espichel, sem parar, para lado nenhum. 25 anos depois continuamos a correr, só que agora existe um lugar onde queremos chegar: àquele ponto em que o corpo deixa de poder (de ter, de trazer), apresentando-se (oferecendo-se) vazio, aberto, presente. Numa palavra: potente.

João Fiadeiro, Novembro 2015

INTRODUÇÃO

Tornar-me coisa, duração, acontecimento.

Ser ocupado por um corpo. Manter-me ocupado com um corpo.

Desaparecer no óbvio. Reaparecer na ausência.

Até aqui, antes de dar início a um trabalho de grupo, aquilo que João Fiadeiro colocava em cima da mesa no primeiro dia de ensaios nunca era a questão mas o modo; nunca era o “quê” mas o “como”; nunca era o “afeto” mas o “método”. A Composição em Tempo Real (CTR), prática que deu corpo a esta forma de abordar a composição e que Fiadeiro desenvolve desde 1995 foi, durante muito tempo, uma “máquina de produção de acontecimentos” onde a questão do afeto não aparecia diretamente na sua equação. Não porque se negasse a sua presença ou influência no ato criativo, mas porque durante muito tempo Fiadeiro não soube resolver a contradição entre a necessidade de des-sujeitar o corpo do performer (de forma a que se *torne coisa*, premissa central na prática da CTR) e, simultaneamente, ativar o afeto enquanto força motriz das suas decisões e ações.

Passados 20 anos de trabalho ininterrupto a instigar, investigar e dissecar os modos como a composição em dança opera (no tempo-real de uma improvisação ou no tempo-suspenso da escrita coreográfica), João Fiadeiro conseguiu finalmente, com este novo trabalho (e fruto do trabalho intenso que desenvolveu no últimos anos com Fernanda Eugénio, Carolina Campos e Daniel Pizamiglio), inverter a ordem



dos fatores e colocar em cima da mesa, antes de mais (antes de tudo), o “afeto”. Não se pode pedir a ninguém que participe (seja no que for) às escuras. A confiança – ingrediente indispensável para a colaboração - não pode ser cega. Mas – e é neste “mas” que reside o trabalho - também não pode ser iluminada. Se retirarmos o *afeto* da penumbra e lhe apontarmos a luz (se lhe apontarmos o dedo), estaremos muito provavelmente a assinar a sentença de morte daquilo que nos toca e move, mesmo antes de ganhar corpo. Por isso, mais uma vez, como com o *tempo* (como com tudo), terá que ser qualquer coisa entre os dois. A meio caminho entre a luz e a sombra, entre a presença e o esquecimento, entre o acontecido e o que está por vir.

O processo colaborativo de “O que fazer daqui para trás” reflete com precisão esta inquietação. A partir do momento em que todos nos afetámos (nos infetámos) pela questão, a partir do momento em que desenhámos um dispositivo que acolheu o *afeto*, o nosso trabalho foi “simplesmente” o de nos deixarmos ir, de ficar à escuta, de ficar à espera. O “resto” aconteceu.

APRESENTAÇÃO

*Time present and time past
Are both perhaps present in time future
And time future contained in time past.
If all time is eternally present
All time is unredeemable.
T. S. Eliot*

Em muitos dos objetos artísticos de João Fiadeiro acabam sempre por emergir operações onde o tempo circular é percebido pelo observador através do desvendamento de um processo que não para de acontecer: a escrita retroativa de um passado que só se materializa depois de confirmado por uma ação futura. Dar a ver esse mecanismo, que geralmente passa despercebido pelo modo como tendemos organizar os acontecimentos a partir de uma narrativa linear, tem sido um lugar de exploração privilegiada de Fiadeiro na grande maioria das suas peças. Em *O que fazer daqui para trás* João Fiadeiro explora o *tempo* – duracional, suspenso, intervalar – ao “mesmo tempo” que foca a sua atenção naquilo que fica, no que foi esquecido, no resto. O “resto” cria “vazio”. É a prova da ausência de uma presença. Ou melhor, é a presença de uma ausência. É no “resto” que vamos encontrar os traços e os rastros para darmos início à impossível tarefa de reconstruir o mundo, uma e outra vez. O resto é também o que está entre o corpo e “a presença do outro no corpo”, uma fuga permanente para coisas que ainda não são, para o que as coisas podem.

O que fazer daqui para trás posiciona-se entre a dúvida e a possibilidade. Onde o não-dito é mais importante do que aquilo que se diz, onde a ausência se sobrepõe à presença e onde o drama não vem do teatro mas daquilo que os corpos – dos performers e dos espectadores - podem (e têm e trazem). A sombra indica-nos a presença da luz, o silêncio a presença do som e a ausência a presença do acontecido. Da sombra, do silêncio e da ausência, eis – para quem se pergunta – aquilo que esta peça trata.



OLHARES EXTERNOS

A crítica do jornal Público, **Paula Varanda**, sintetiza assim a impressão que teve do espetáculo e da sua relevância nos tempos que correm:

“Em O Que Fazer Daqui Para Trás uma regra performativa, inteligente e constante, com implicações decisivas e valiosas. Além do microfone e da luz, o palco será apenas preenchido, em intervalos, pela entrada dos intérpretes que, após correrem durante todo tempo que estiveram ausentes, falam ofegantes; é uma aparição individual e sucessiva de pessoas que andam numa correria ou acoissadas pela urgência, cujo tempo é curto e agitado. Para além do vigor e da originalidade que esta opção estrutural confere, reside também aqui uma relevante incursão crítica: esta peça foi feita num ano em que Fiadeiro vive na pele a precariedade que assola muitos membros da sua comunidade, uma maioria de portugueses noutros sectores profissionais e muitos mais refugiados no mundo. O palco despido, a rarefacção de objetos e o recurso a um só princípio coreográfico são indícios de um ‘tempo sem’ - sem dinheiro, sem coisas, sem direitos... – e talvez do equilíbrio esgotante da corrida pela sobrevivência.”

Samuel Silva, um espectador tocado e atento, enviou-nos uma carta onde partilha diversas sensações em relação ao trabalho e que reproduzimos um excerto por traduzir o sentimento de muitos espectadores com quem nos cruzamos.

Começa assim: *“Ao João Fiadeiro e a todos os que com ele fazem com que nossa imaginação vá para além do alcance dos nossos braços.”* Mais à frente continua dizendo que *“talvez seja um daqueles trabalhos que devemos ver duas vezes. Ver uma e depois uma segunda para reparar no que vimos. Por exemplo: Entrei no auditório e não soube que a peça tinha começado. Quando entrou o primeiro elemento e o público se calou, percebi nesse exato momento que a peça tinha começado desde que o bilhete se rasgou na entrada. Por isso a luz estava acesa. Não estamos habituados a que uma peça comece com um vazio cheio de coisas: a luz, um microfone, o chão arranhado de outros acontecimentos e o burburinho do público. Quando alguém entra, o silêncio irrompe do público e nesse momento percebemos (para trás) que tudo o que estava acontecer era parte integrante, só não tínhamos era consciência disso. Outra coisa: desejei muito estar fora do teatro, na rua e ver os bailarinos passarem a correr, na sua labuta autêntica, tomando o “fora de palco” com a mesma verdade e compromisso. Se eu estivesse fora, encostado numa esquina ou num canto do passeio, converteria também a rua num lugar de atenção (palco) tal como os bailarinos o converteram. Já sabia, mas sei-o agora com outra certeza: inventamos o lugar para onde dirigimos a nossa atenção. Tenho a certeza que para eles a rua foi um prolongamento do palco. O palco era, afinal, circular.”* Por fim, termina dizendo: *“Obrigado João e todos os co-autores por esta dádiva!”*



TEXTOS (EXCERTOS)

É como se deus fosse o motorista de um camião TIR e todos os dias ele descarregasse uma ou duas toneladas de pessoas às porta das cidades, lhes desse um saco de plástico com uma sandes de queijo lá dentro, um pacote de leite com chocolate, um ou dois guardanapos e lhes dissesse: sigam a vossa intuição. (Márcia Lança)

I don't know if you noticed, but today there were moments when we could see the sky. It's quite beautiful, a very deep blue, a very particular blue. If we think of the world, there is only one world and there is only one sky. One thing I keep thinking about is, why is it that the blue isn't the same everywhere? The blue here isn't the same blue as it is in Montpellier, it's not the same blue as it is in Naples or it's not the same blue as it might be in the United States, or in other parts of the world. Why is it that even though it's not the same blue it's still the same sky? I read a newspaper article a few days ago that talks about a young boy from Pakistan who's explaining that he no longer looks at the blue sky with joy because when the sky is blue the drones can fly more clearly. I can't seem to think of a song that would talk about that type of blue. The U.S. has a song that talks about skies, it goes Blue sky, nothing but blue sky..."(Adaline Anobile)

Es que hay tanta cosa involuntaria aconteciendo hacia el interior, tanto que no controlo y que sucede a pesar de mí... como un desfasaje. Y no sé si es que mi cuerpo está dividido o en verdad son dos cuerpos. Entonces la sensación que me produce es la de tener que llevarme a mí mismo, como cargándome sobre los hombros, y con mi propio peso encima, seguir avanzando para no quedar tirado en el suelo. (Ivan Haidar)

Ali fora está tudo ligado por um fio. Um fio daqueles bem finos e delicados, quase transparentes. Aquela senhora ali, de saia cheia de flor e sapatos pretos, que diminuiu o passo para que eu pudesse atravessar a rua, está ligada a mim. E isso faz com que eu esteja ligada a todas as coisas que estão ligadas a ela. Eu estou ligada ao homem que vai ajudar a senhora a colocar os legumes dentro da sacola, daqui a pouco, no caixa do supermercado. E isso faz também com que todas as coisas que estão ligadas a ela, como o homem do supermercado, estejam ligadas à todas as coisas que estão ligadas a mim. Aquela vizinha que me emprestou açúcar durante os anos em que vivi no edifício verde da Rua Dr. Montaury, por exemplo, está ligada ao homem do supermercado. Eles nunca vão se conhecer, mas estão presos por um fio... Só que as vezes o fio se rompe, uma tesoura afiada vem e corta uma parte minúscula dele. Daí tudo, tudo mesmo, precisa se deslocar e encontrar seu novo lugar. Isso as vezes demora alguns segundos, e outras vezes demora uma vida toda. (Carolina Campos)

É isso: a fragilidade desse momento. A imagem que vocês formam pra mim. Eu consigo ver que vocês estão aí e isso, tenho a certeza, não vai acontecer de novo. Não vai! (Daniel Pizagmilio)



NOTAS BIOGRÁFICAS

João Fiadeiro pertence à geração de coreógrafos que emergiu no final da década de oitenta e que, na sequência do movimento “pós-moderno” americano e dos movimentos da Nouvelle Danse francesa e belga, deu origem à Nova Dança Portuguesa. Grande parte da sua formação é feita entre Lisboa, Nova Iorque e Berlim, tendo depois sido bailarino na Companhia de Dança de Lisboa (86-88) e no Ballet Gulbenkian (89-90). Em 1990 fundou a Companhia RE.AL que, para além da criação e difusão dos seus espetáculos, apresentados com regularidade um pouco por toda Europa, Estados Unidos, Canadá, Austrália e América do Sul – acompanhou e representou artistas emergentes, ao mesmo tempo que no âmbito da programação do Atelier Real, acolheu artistas em residência e apresentou artistas e eventos transdisciplinares. Entre 1995 e 2003 colaborou com os Artistas Unidos na qualidade de responsável pelo “movimento dos actores”, tendo encenado, para essa companhia, dramaturgos como Samuel Beckett, Sara Kane ou Jon Fosse. Entre 2011 e 2014 co-dirigiu, com a antropóloga Fernanda Eugénio, o centro de investigação AND_Lab em Lisboa, uma plataforma de formação e pesquisa na interface entre criatividade, sustentabilidade e quotidiano. Após uma pausa de 6 anos em que se dedicou exclusivamente ao processamento e sistematização do método de Composição em Tempo Real, cruzando a sua investigação com áreas científicas como a neurociência ou as ciências dos sistemas complexos. João Fiadeiro tem orientado com regularidade workshops em diversas escolas e universidades nacionais e internacionais. Atualmente frequenta o doutoramento em Arte Contemporânea do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.

Márcia Lança nasceu em Beja. Em 2008 funda a VAGAR – Associação Cultural da qual é directora artística. Destaca as colaborações, quer enquanto intérprete como enquanto co-criadora, com João Fiadeiro, Cláudia Dias, Olga Mesa, João Calixto, João Lucas, Aniol Busquets e Tiago Hespanha. O seu trabalho foi produzido e apresentado no Negócio, Teatro Nacional de Riga, SpielArt Festival, Teatro Maria Matos, Culturgest e Teatro Municipal de Portimão. Em 2006 recebeu o primeiro prémio do Programa Jovens Artistas Jovens.

Ivan Haidar é argentino e no seu país trabalha no campo da performance e da pesquisa teatral. É membro do grupo “Vuelve en Julio” e do festival DANZAFUERA. Recebeu apoio de várias instituições como o Instituto Nacional de las Artes, do Prodanza e do Fondo Nacional de las Artes. O seu trabalho já foi apresentado na Índia, Suíça, Espanha, Inglaterra, Japão, Brasil, Uruguai e Chile, entre outros.

Carolina Campos é brasileira e vive em Lisboa. É licenciada em Comunicação e pós-graduada em Fotografia. Começou a trabalhar com dança em 1998 na Cia Municipal de Caxias do Sul e entre 2007 e 2011 foi bailarina na Lia Rodrigues Cia de Danças, no Rio de Janeiro. Trabalha na área de programação e coordenação de projetos e também em colaboração com outros artistas em projetos de criação. Colabora desde 2012 com o coreógrafo João Fiadeiro na investigação da Composição em Tempo Real e na coordenação da RE.AL.



Adaline Anobile nasceu na Suíça e vive em Bruxelas. Estudou Design de Têxtil antes de prosseguir a sua investigação em dança e completar um Mestrado em Coreografia no ex.e.r.ce em Montpellier. Trabalha tanto como performer como coreógrafa, participando ainda em projetos colaborativos e interdisciplinares, que incluem artes visuais e filosofia. O seu trabalho foi apresentado na Europa e nos Estados Unidos.

Daniel Pizamiglio nasceu no Brasil e vive em Lisboa. Formou-se em dança pelo Curso Técnico em Dança de Fortaleza, onde colaborou com diversos artistas brasileiros e deu início ao seu trabalho como intérprete e criador. Enquanto intérprete destaca a colaboração com Andréa Bardawil, Cláudia Dias e João dos Santos Martins. Desde 2012 colabora com o coreógrafo João Fiadeiro na investigação da Composição em Tempo Real e atualmente é aluno do Programa de Estudo, Pesquisa e Criação Coreográfica - PEPCC/ Forum Dança.

Colin Legras é suíço-francês e vive em Bruxelas. Estudou história da arte, filme, fotografia e ferreiro. Depois de ser arquivista de fotografias num jornal francês, eletricitista em filmes de curta metragem na Bélgica e carpinteiro na zona rural belga, desenha luzes há mais de 20 anos na Bélgica, França e Suíça para teatro, dança contemporânea e bandas de música.

